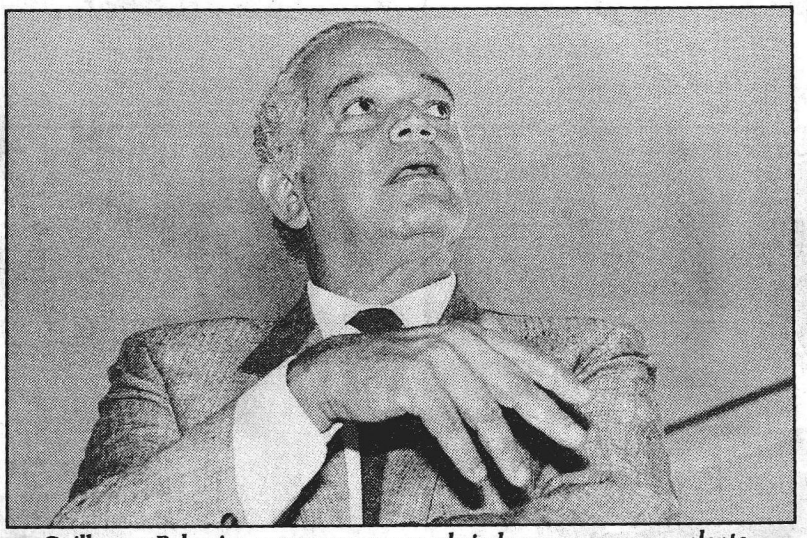
Palanque da comissão tem 18 ausentes

Angela Romito



Guilherme Palmeira: sem comparecer, abrindo espaço para o suplente

A CPI do Orçamento não é só trabalho e palco iluminado. Pelo menos para 18 de seus 44 membros. Melhor que não seja a maioria. Desses 18 poucos são os totalmente ausentes: comparecem às sessões, mas sequer esboçam uma questão de ordem, quanto mais perguntas aos depoentes ou sugestões nas reuniões de trabalho.

Essa é a constatação após mais de 60 dias de instalação da CPI. O mais ausente é o deputado Carlos Kayath (PTB-PA): pela lista de presença, a última reunião a que compareceu foi a sexta, no dia 26 de outubro. Já o senador Guilherme Palmeira (PFL-AL) de tão ausente foi substituído pelo senador Bello Parga (PFL-MA).

Ausências — Kayath e Palmeira estão relacionados como integrantes da Subcomissão de Patrimônio, a mais prejudicada com as ausências. Ninguém gosta de falar no assunto, pelo menos abertamente, mas a reclamação é uma constante nesta subcomissão, coordenada pelo senador José Paulo Bisol (PSB-RS).

"Na realidade, não há como reclamar de centralização na nossa subcomissão, porque a falta de interesse em trabalhar para elucidar as denúncias é maior do que a clara intenção de tentar proteger correligionários", disse um parlamentar assíduo.

Ele se referiu, além de Kayath e Palmeira, ao deputado Fernando Carrion (PPR-RS) — este com ressalvas, pois teve que fazer uma viagem ao exterior, mas é atuante nas intervenções —, que foi substituído pelo deputado José Lourenço (PFL-BA), que formou a tropa de choque sarneysista com o substituto de Palmeira, senador Bello Parga.

O senador Luís Alberto até que trabalhava bastante mas se afastou para que o titular José Eduardo Andrade Vieira (PTB-PR) assumisse o Senado após deixar o governo Itamar. O deputado Vicente Fialho (PFL-CE) não faz perguntas, mas trabalha bem na subcomissão de emendas em defesa da família Sarney, conta um parlamentar.

A atuação da tropa não se restringe a pessoas. O senador Cid Sabóia de Carvalho (CE) não se furta de trabalhar na defesa de seu partido, o PMDB, que tem o maior número de parlamentares envolvidos na máfia do Orçamento. Outro grande gazeteiro é o deputado Júlio Cabral (PP-AM), mas não faz muita falta porque não compõe nenhuma subcomissão. Na mesma situação estão os senadores Áureo Mello (PRN-AM) e Magno Bacelar (PDT-MA).

Constantes — Mas nem só de ausências vive a CPI. Há os que aparecem, e pouco contribuem. É o caso do deputado Leomar Quintanilha (PPR-TO). Ele não perde uma sessão, mas nunca questiona. Quintanilha explicou que há uma ordem de inscrição e, como é suplente, quando chega a sua vez todos os assuntos foram esgotados.

"Tenho a preocupação de não repetir questionamentos. Perguntei nos depoimentos de Marinalva, ex-mulher do deputado Manoel Moreira (PMDB-SP), e do deputado João de Deus (PPR-RS). Na subcomissão, faço diligências. Tenho trabalhado sim, só que não aparece", garante ele, observando que o menos importante são os depoimentos: "O importante é o levantamento de provas", diz.

O senador Lavoisier Maia (PDT-RN) parece que perdeu o pique depois que apareceram os documentos da construtora Norberto Odebrecht, encontrados no banheiro da casa do diretor da empreiteira, Ailton Reis. "Até que ele trabalhava bem. Estava sempre presente. Mas o simples fato de a lista conter as iniciais LM, seguidas de um percentual, parece que mexeu com ele", comenta um parlamentar.

O senador Jutahy Magalhães (PSDB-BA), apesar de ser visto com carinho pelos companheiros da CPI, não tem tido uma atuação marcante. "Ele gosta muito mesmo é de falar da Bahia e do filho Jutaizinho (Jatahy Magalhães Filho, ex-ministro do Bem-Estar Social). No começo, até que era mais frequente", brinca outro parlamentar.

Jutahy Magalhães não fica aborrecido. "Não sou notícia. Estou sempre presente na subcomissão (de bancos), mas seguindo uma postura que considero correta. No início da CPI propus que todas as perguntas fossem feitas somente pelo relator. Isso demonstra minha despreocupação em aparecer", disse.

Duas outras grandes ausências são dos senadores Pedro Simon (PMDB-RS) e Nelson Carneiro (PMDB-RJ). Mas têm atenuantes, dizem os parlamentares. Simon, como líder do Governo no Senado, tem tido muito trabalho para costurar tanto a reforma ministerial como a indicação de um novo líder na Câmara, cargo vago com a saída do deputado Roberto Freire (PPS-PE). Carneiro, decano do Senado e que tem um lugar de honra na mesa da CPI, negocia a filiação a outro partido, o PP, descontente que está com as disputas internas no PMDB fluminense.

Faustoso — O deputado Costa Ferreira (PP-MA), um dos líderes evangélicos e que passou a integrar a CPI mais recentemente, ganhou notoriedade durante o depoimento de Paulo César Farias. Antes de fazer quatro perguntas "colocando a bola para PC chutar", ressaltou um parlamentar, desejou ao preso "feliz Natal e faustoso Ano Novo".